

IGNACIO DEL VALLE

OS
DEMÓNIOS
DE BERLIM

Tradução de Alcinda Marinho

1. O primeiro demónio

– Consegues notar? A alma dele ainda deve estar na sala.

Arturo pronunciou esta frase consciente de que dois dos seus acompanhantes não iriam compreender da missa a metade. Voltou a repeti-la, desta vez em alemão. Os dois SS exprimiram perplexidade no seu idioma de rígidos sons e, juntando-se ao espanhol que estava a seu lado, dedicaram-se à contemplação da morte objectiva, pálida e horrenda que se erguia diante deles. Vista de cima, a colossal e branquíssima maqueta da Germânia, a metrópole que Hitler planeava construir sobre Berlim para ser capital do futuro Reich, estendia-se sobre uma plataforma que ocupava a sala inteira. Avenidas de sete quilómetros para desfiles, arcos de triunfo de mais de cem metros de altura, estações de caminhos-de-ferro com fachadas de quatrocentos metros de comprimento... Ministérios, teatros de ópera, praças, museus, prisões... Tudo projectado à medida da megalomania do Führer, e, ao fundo, a Volkshalle, a Sala do Povo, com capacidade para cento e oitenta mil pessoas, com a sua cúpula dezasseis vezes maior que a da basílica de São Pedro encimada por uma grande águia. Ali, em frente à entrada principal do edifício, ligeiramente inclinado para a direita, como um Gulliver macabro, jazia o cadáver de um homem. Estava de costas, com o braço esquerdo estendido e crispado sobre uma das construções de gesso, e o seu sangue salpicava a brancura dos edificios circundantes numa composição abstracta. Ainda antes de ver o seu rosto, Arturo já sabia de quem se tratava: o indivíduo que há

uma hora procuravam por toda a Chancelaria. Olhou para a biqueira das botas, como se não fosse possível haver visão melhor. Em seguida, voltou durante alguns segundos a contemplar a maquete iluminada por focos de luz, que, por meio de um mecanismo automático, imitavam o sol no seu arco diário. Depois pousou a metralhadora, tirou as botas e, perante o olhar atônito dos acompanhantes, subiu para a plataforma e entrou na maquete. Um pouco habitual acesso de escrúpulos assaltara-o quando se preparava para subir para a plataforma, impedindo-o de sujar a alvura das construções. Já tinha deixado de notar o odor do par de meias que usava há três semanas e, com cuidado para não calcar nada, avançou pelo eixo principal, contornando o Arco do Triunfo, assim como as pequenas miniaturas de veículos que circulavam, imóveis, pela avenida, até chegar ao cadáver. Parou-lhe ao lado do peito, baixou-se e virou-o. Não morrera há muito, pois o cheiro a cobre do sangue quente era bastante intenso. Olhou com atenção. O homem tinha um daqueles rostos crispados que se viam em certos martirologios. A punhalada que o atingira cirurgicamente no coração era motivo suficiente para este aspecto. Arturo procurou nas roupas de civil do homem os documentos ou algo que revelasse a sua identidade. Encontrou uma carteira no bolso das calças e, no interior desta, o *Ausweis* do morto. Comparou a sua expressão desfigurada com os traços finos e bem cinzelados da fotografia e verificou que o nome era o mesmo indicado pelo oficial no comando: Ewald von Kleist, nascido em Munique, em 1897. Falecido em Berlim, em 1945, completou Arturo mentalmente. Corroborando o epitáfio, algures por cima da sua cabeça os terremotos de baixa intensidade provocados pelos bombardeamentos confirmavam que, com efeito, era em Berlim que se encontravam – uma Berlim devorada por uma guerra atroz e aniquiladora.

Arturo fazia menção de continuar a revistar o corpo, quando ouviu nas suas costas um estalido que o fez voltar-se. Descobriu o outro militar espanhol a avançar na sua direcção. Já levava à sua frente uma ópera, dois *Volskswagen*s, um *Wanderer* e ia direito ao Arco do Triunfo. Arturo fulminou-o com um olhar que lhe gelou os passos e fez com que a boca se lhe abrisse.

– Caramba, Manolete, para que tirei eu as botas? – gritou Arturo ao verificar o rasto de furacão que o conterrâneo havia deixado.

– Lamento, meu tenente, pensei que precisava de mim...

– Sim – cortou Arturo com rudeza –, para tocar viola no funeral dele...

Arturo contemplou o soldado Francisco Ramírez, aliás Manolete. Metia um pouco de dó ver os seus braços flutuando num uniforme demasiado grande, e dizer que era feio seria um favor. E, a julgar pelos dois escassos meses que tinham passado juntos naquela confusão, era inegável que o soldado Ramírez, tal como o toureiro Manolete, era especialista em escolher o melhor movimento. Arturo abanou a cabeça, resignado.

– És mais burro que um cepo. Anda, vem até aqui, e tem cuidado para não pisares mais nada.

Manolete avançou como se andasse debaixo de água, ajoelhou-se ao lado de Arturo e observou.

– A este deram-lhe bem o passaporte – comentou. – Meteram-lhe a lâmina por debaixo das costelas e foi subir por ali acima.

– É o que parece.

– E é o presunto de que estávamos à procura?

Arturo olhou-o com fadiga. Era uma definição cruel, mas exacta. Mostrou-lhe a documentação. Manolete leu com dificuldade, juntando aos poucos as letras em sílabas.

– É o boche – confirmou. – E quem pode ter feito este estrago todo?

– Bem, nesta cidade qualquer pessoa pode fazer qualquer coisa. A única certeza é que não se acha aqui um morto sem razão nenhuma.

– Tem toda a razão, meu tenente. E então, que fazemos?

– Por agora, continuar a investigar.

Em termos realistas, o trabalho de Arturo devia ter terminado com a descoberta, mas uma curiosidade poliédrica impeliu-o a explorar o cadáver de maneira exaustiva e metódica. Enquanto o fazia, recordou a requisição, efectuada pelo posto de comando somente uma hora antes, de todos os homens que guardavam a Chancelaria do Reich, tanto da Dienststelle e do Begleitkommando como da Kripo, para passarem o edifício a pente fino à procura de um tal Ewald von Kleist, de mais ou menos um metro e noventa de altura, quarenta e oito anos, corpulento, moreno, sem especificar nenhum outro detalhe. O oficial que lhes comunicara a tarefa a executar, na sua qualidade de elo de transmissão das

ordens, empenhara-se em não deixar transparecer quaisquer emoções. Porém, a julgar pela lividez do rosto, tratava-se de uma daquelas missões cujo fracasso implicaria uma perda dos galões, senão mesmo um conselho de guerra. Apesar do segredo com que haviam tratado a identidade da vítima, Arturo pôde imaginar o seu estatuto pela chegada que protagonizara na noite anterior, acompanhado de mais quatro indivíduos, num enorme Opel Admiral todo pintado de negro – incluindo os faróis, onde apenas fora deixada uma fresta que projectava um feixe de luz amarela turva – e sem nenhuma marca identificativa, escoltado por um destacamento das Waffen-SS. Ao sabor destas reflexões, Arturo foi tirando dos bolsos do morto marcos do Reich e pfennigs, já sem qualquer utilidade, um corta-unhas, uma pequena navalha, uma fina boquilha de prata canelada, uma folha de cartão repleta de notas e rasuras dos dois lados... Arturo examinou o cartão devagar. Era um programa onde se descreviam as actividades planeadas para um casamento, e em cujos interstícios haviam sido anotadas ideias, equações, esquemas, esboços, abreviaturas... sem nenhuma noção organizadora, nenhum ponto central. Tropeçou duas vezes com o que poderia ser um eixo sintetizador, uma estranha palavra rodeada por um círculo: WuWa. Não tinha anotações explicativas ou adicionais, mas estava desenhada com uma caligrafia esmerada que poderia ser sinal da sua transcendência no meio da velocidade caótica do resto dos gatafunhos.

Arturo avaliava o conjunto das informações quando um oficial entrou na sala como uma exalação. Arturo esquecera-se dos outros SS que o acompanhavam, mas estes não se tinham esquecido da cadeia de comando. Um acto reflexo fê-lo guardar o cartão com rapidez. Nesse mesmo instante, o Untersturmführer¹ Franz Schädle, chefe do corpo de guarda da Chancelaria, postou-se ao lado da maquete, superando a sua surpresa ao descobrir as botas, uma de pé e a outra tombada. Arturo virou-se na sua direcção. A tensão dos tendões laterais da garganta do homem indiciava um barril de pólvora no seu interior.

¹ Em alemão no original. As SS tinham um sistema de patentes onde há graduações que não têm correspondência no sistema de patentes militares português. Por este motivo, e uma vez que o autor optou por nomear estas patentes em alemão, manteremos a designação original ao longo de todo o romance. (N.T.)

– O que está a fazer, soldado? – ladrou o alemão.

Arturo ergueu-se e fez a saudação nazi com o cuidado de não incendiar nenhuma mecha.

– Confirmava a identidade do morto, mein Untersturmführer.

– É o nosso homem?

– Sim, mein Untersturmführer.

– Muito bem. O vosso trabalho termina aqui. Retirem-se.

Manolete e Arturo apressaram-se a dar cumprimento às ordens e desceram da plataforma. Arturo calçou as botas com rapidez e, a seguir, apresentou um breve relatório da busca pelo edifício, após o qual abordou os aspectos mais acessórios, o estado do cadáver, o resultado da inspecção às roupas, os pertences do morto... omitindo, sem um motivo concreto, a descoberta do cartão. Quando terminou, o oficial ordenou aos membros das SS que retirassem o cadáver. Os SS procederam sem quaisquer vestígios de método, esmagando edifícios sem contemplações, como se ocultar a vítima fosse mais importante do que descobrir o assassino. Em seguida, o oficial ordenou a Arturo e a Manolete que regressassem às suas rondas maquinais, com indicação prévia para fazerem uso da faculdade da memória: esquecer.

Depois de executarem a saudação nazi, Arturo e Manolete abandonaram o piso inferior da Chancelaria e embrenharam-se por entre as divisões cobertas de mármore e separadas por portas que chegavam até ao tecto. Aquele monumento ao poder, erguido para intimidar e impressionar os visitantes, tinha agora um aspecto fantasmagórico. Todos os quadros, tapetes e móveis haviam sido retirados... Os tectos tinham gretas enormes, as janelas estavam entaipadas com madeira... As botas de ambos ecoavam pelos corredores amplos.

– Este caso tem muito que se lhe diga, não é, meu tenente? – sugeriu Manolete.

– Não é problema nosso.

– Mas diga lá que não é estranho.

– Já te disse que não é assunto da nossa responsabilidade.

– Claro, a responsabilidade era verde e comeu-a um burro. Enfim...

– suspirou Manolete –, mas sempre podemos fazer alguma coisa.

– Terminar a ronda.

– Fora isso. Quero dizer que podíamos ir para os jardins fumar um cigarrito.

– Estás louco? Íamos ficar com os tomates congelados.

– Tem razão, mas também para o uso que fazemos deles... Ande lá, meu tenente, que a mim este prédio dá-me arrepios.

Arturo não chegou a responder. Exibia um aspecto ensimesmado. Apesar da sua anterior indiferença, não conseguia tirar da cabeça o corpo que haviam deixado no andar inferior. Ocorreu-lhe que, necessariamente, os oficiais teriam que comunicar os factos ao Führerbunker da Chancelaria, e que uma das entradas mais próximas se situava nos jardins. Não era apenas curiosidade: tudo o que acontecesse naquele sítio caía sob a sua alçada, sobretudo se sob essa alçada alguém se dedicava a distribuir punhaladas. Encolheu os ombros.

– Um bocado de ar fresco não nos fazia mal.

Manolete sorriu como uma criança diante de um bolo de aniversário e encaminharam-se ambos para o jardim. Quando saíram, os dentes do frio enterraram-se-lhes na carne, obrigando-os a subir as golas dos capotes cinzentos. O vapor tornava visíveis as suas respirações. As fontes, o pavilhão de chá, as estátuas, a estufa... tudo se havia volatilizado entre pedaços de betão armado, árvores arrancadas pela raiz e crateras imensas. Ao longe, *der Amis*, os aviões norte-americanos, continuavam empenhados em demolir Berlim – à noite era a vez de *der Tommys*, os britânicos –, e nos jardins quebrava-se, como numa praia sinistra, o fragor das vagas dos seus bombardeamentos. Um leve cheiro a chamuscado denunciava toda aquela histeria e desintegração. Saudaram os guardas postados diante da casamata da saída de emergência do Führerbunker. Manolete puxou de um cigarro e Arturo pediu-lhe outro.

– Mas, meu tenente, o senhor não fuma.

– Hoje fumo.

Arturo empurrou a metralhadora para o lado, pegou no cigarro e deixou que Manolete o acendesse. Naquele mundo tão rígido e com tudo definido à partida, apeteceu-lhe fazer algo sem qualquer finalidade prática, um resíduo da vida normal. À terceira baforada começou a tossir.

– Já se estava a ver. Isto de fumaradas não é para o meu tenente.

– Tens razão – concordou Arturo, apagando o cigarro e devolvendo-o a Manolete. – Que dia é hoje?

– Hoje? – Manolete soltou o fumo de maneira desordenada. – Catorze de Abril.

– E que se sabe destes? – perguntou, apontando com o queixo para o céu.

– Os americanos andam pelo Elba e dizem que os *ruskis* já andam a dar que fazer em Seelow.

– Ou seja, uns estão perto e os outros mais perto ainda.

– Ainda não estão a bater-nos à porta.

Arturo olhou o cubo de betão armado da saída do bunker. Ali, a doze metros de profundidade, escondia-se agora o antigo senhor da Europa, Adolf Hitler.

– E daquele não se ouve nem um pio, não é?

– Desde há coisa de dois meses, meu tenente... Eu acho que ele já nem dá nem apanha... E os problemas só vão continuar a crescer, digolhe eu.

– Enfim, na adversidade há que mostrar boa cara, Manolete.

– O meu tenente pode até não acreditar, mas esta é a minha melhor fronha.

Arturo contemplou a careta de irónica resignação que se desenhava no seu rosto prodigiosamente feio e sorriu com uma certa tristeza. Depois, estudou o bunker. Sabia que quando Manolete olhava para aquele cubo isso não o impressionava, que sentia até uma ponta de desprezo, porque, ao contrário de Arturo, não era capaz de apreciar a sua importância histórica. O imenso alvo em que o mundo transformara Berlim tinha ali o seu centro. A entronização do mal, a derrogação do humanismo, a extinção da humanidade, a vertigem dos dois últimos anos da derrota alemã, tudo confluía ali, na sua massa fortificada. E, no seu insondável e fumegante abismo, der Führer, na última estação da sua fuga à realidade, continuava a sonhar com a sua Germânia, a cidade babilónica que seria a capital de um império germânico destinado a durar mil anos, construída para que, no futuro, o tamanho das suas ruínas fosse testemunho de grandeza, enquanto, por cima da sua cabeça, o futuro chegara já, feito de incêndios, escombros e milhares de toneladas de bombas. Arturo cuspiu para o lado e observou Manolete.

– Que caralho estamos a fazer aqui? – perguntou-lhe, cansado e descrente.

Era uma pergunta retórica. Arturo, porém, não contara com a sensatez de Manolete, com a sua lógica profunda.

– Não temos mais para onde ir, meu tenente.

Nesse instante, da porta do bunker começou a brotar um remoinho de uniformes negros: pretorianos das SS que escoltavam quatro civis de gabardinas cinzentas e chapéu escuro. Arturo reconheceu-os como os quatro homens que tinham chegado na noite anterior com o morto. Um deles tinha um rosto difícil de esquecer – de traços suaves, pálido, sem sobrancelhas. Os olhos do homem ficaram fixos nos de Arturo por uma fracção de segundo. Eram um olhos negros, arrepanhados pelo frio, e em cujo interior se vislumbrava um abismo. O grupo desapareceu com rapidez na interior da Chancelaria.

– Aqui vai-se armar confusão – murmurou Manolete num tom pessimista.

Arturo não se pronunciou. Estava preso de um sexto sentido à flor da pele que fazia brilhar com força na sua memória aquela palavra: WuWa. Tirou o capacete e voltou a pô-lo, ajustou a correia da metralhadora, olhou para o céu.

– Sim – acabou por responder vagamente, distraído –, e receio que não vá acabar bem...

Uma brisa perfumada, como se soprasse por cima de quilómetros de campos de lilases, cobriu por momentos o odor a chamuscado de Berlim.

Arturo terminou a frase:

– ... mas tu sabes de algo que acabe bem, Manolete?